

A pesquisa colaborativa na produção do conhecimento sobre ensino de história: construindo caminhos.

Diego Firmino Chacon

Mestrando em Educação pelo PPGED-UFRN

Este trabalho visa discutir como a pesquisa colaborativa pode contribuir para construção de práticas diferenciadas de investigação na área da produção de conhecimentos sobre o ensino de História. Na pesquisa colaborativa a co-produção de saberes por parte de professores e pesquisadores e a preocupação com a formação profissional docente, tornam-se pontos norteadores das ações investigativas. Esse processo de análise sistemática fundamentada na reflexão, no dialogismo e na colaboração entre os participantes envolvidos na pesquisa, busca a elaboração de teorias mais próximas da realidade da sala de aula, e visa compreender os anseios e as inquietações vivenciados no contexto escolar. Na área de discussões sobre o ensino de História, a pesquisa colaborativa pode oferecer variadas contribuições. Nesse texto destacamos duas. A primeira revela que esta modalidade de pesquisa pode proporcionar nos docentes de história motivações para exteriorizar idéias e práticas realizadas no cotidiano da sala de aula. A segunda, se refere às ações formativas, desenvolvidas no processo de colaboração, que auxiliariam no desenvolvimento de co-produção de novos conhecimentos, fundamentados na reflexão, análise e reconstrução de ações feitas pelos professores-participes da pesquisa na disciplina de História. Estabelece-se aqui diálogo com autores que escrevem sobre a pesquisa colaborativa e o processo de reflexão sistemática, como Alarcão (2011), Ferreira(2009), Ibiapina (2008; 2009), Magalhães (2009), Ferreira e Ibiapina (2005) e aqueles que se dedicam, especificamente, ao ensino de História, entre eles: Gatti Junior (2009), Garcia (2008), Oliveira (2009), Bittencourt (2004) e Zamboni (2002).

Palavras-Chaves: Pesquisa Colaborativa; Prática Docente; Ensino de História.

PALAVRAS INICIAIS

No decorrer das discussões presentes neste texto, perceberemos a preocupação de introduzirmos uma discussão sobre o método da pesquisa colaborativa aplicada à produção de conhecimentos sobre o ensino de história, praticado no cotidiano das salas de aulas. E também buscaremos debater a contribuição dessa abordagem na formação contínua de professores, que atuam junto à disciplina da história escolar.

A preocupação dos profissionais de história em estabelecer os aspectos metodológicos, que embasam sua prática investigativa remonta, ao início da afirmação do campo da história como disciplina autônoma, no século XIX. No entanto, sabemos que a ênfase dada a tais aspectos se diferenciaram de acordo, com as transformações nos paradigmas nos diversos campos das ciências sociais, que acabaram influenciando e dando contornos múltiplos a discussão sobre os aspectos epistemológicos do campo da ciência histórica.

Segundo Aróstegui (2006) passamos de uma preocupação quase que exclusiva com criação dos primeiros corpos de regras e preceitos metodológicos construídos sob as orientações das correntes positivistas e historicistas até chegamos a uma transformação na ideia de documento histórico e nos modos de realizar e fazer as críticas documentais. A partir das discussões desencadeadas pelos estudiosos da Escola dos Annales, as fontes passavam a ser consideradas fragmentos do passado, que só encontravam sentido no momento, que o pesquisador lhe fazia uma indagação. Para Jacques Le Goff (2005) a modificação no conceito de fonte histórica e a maneira de utilizá-las na pesquisa possibilitou conseqüentemente a investigação histórica em temas até aquele momento inexplorados para o campo da história.

Fizemos, então, a explicação acima, não só para destacar a preocupação dos pesquisadores de história com a reflexão sobre a construção de seus métodos de pesquisa, mas também para enfatizar que o campo da investigação sobre o ensino de história, sendo um campo de pesquisa habitado pelos profissionais da história, de certa maneira, foi beneficiado com as novas discussões no campo historiográfico, visto que nos passos dados para investigação do objeto de pesquisa podemos nos utilizar de instrumentos que nos façam construir e usar fontes múltiplas, como os planos de aula e de curso, os depoimentos de professores e alunos e até as expressões e gestos desses sujeitos.

No sentido de colaborarmos com a possibilidade de construção de métodos¹ mais participativos entre os pesquisadores, cujo objeto de investigação é o ensino de História, escrevemos este artigo visando discutir como a pesquisa colaborativa pode contribuir para construção de práticas diferenciadas de investigação na área da produção de conhecimentos sobre o ensino de História.

Na pesquisa colaborativa a coprodução de saberes por parte de professores e pesquisadores e a preocupação com a formação profissional docente, tornam-se pontos norteadores das ações investigativas. Esse processo de análise sistemática fundamentada na reflexão, no dialogismo e na colaboração entre os partícipes envolvidos na pesquisa, busca a elaboração de teorias mais próximas da realidade da sala de aula, e visa compreender os anseios e as inquietações vivenciados no contexto escolar. Na área de discussões sobre o ensino de História, a pesquisa colaborativa pode oferecer variadas contribuições. Nesse texto destacamos duas. A primeira revela que esta modalidade de pesquisa pode proporcionar nos docentes de história motivações para exteriorizar ideias e

práticas realizadas no cotidiano da sala de aula. A segunda se refere às ações formativas, desenvolvidas no processo de colaboração, que auxiliariam no desenvolvimento de coprodução de novos conhecimentos, fundamentados na reflexão, análise e reconstrução de ações feitas pelos professores-participes da pesquisa na disciplina de História.

No transcorrer da leitura, perceberemos que este trabalho está organizado em três eixos de discussões. No primeiro deles, nos arriscamos em apresentar um dos conceitos de pesquisa colaborativa e de colaboração; no segundo, explicamos como ocorreu o desenvolvimento das investigações na área sobre o ensino de história no Brasil, os temas, fontes e métodos enfatizados para construção desse conhecimento; e no terceiro momento, dialogamos sobre as possíveis contribuições que a pesquisa colaborativa pode trazer para a investigação sobre o ensino de história, tendo como pontos essenciais a reflexão, o diálogo e a construção e reconstrução de conhecimentos sobre a história escolar por partes dos docentes da área. Estabelecemos aqui diálogo com autores que escrevem sobre a pesquisa colaborativa e o processo de reflexão sistemática, como Alarcão (2011), Ferreira (2009), Ibiapina (2008; 2009), Magalhães (2009), Ferreira e Ibiapina (2005) e aqueles que se dedicam, especificamente, ao ensino de História, entre eles: Gatti Junior (2009), Garcia (2008), Oliveira (2009), Bittencourt (2004) e Zamboni (2002).

APRESENTANDO A PESQUISA COLABORATIVA

A pesquisa colaborativa se caracteriza como uma modalidade da pesquisa-ação esta abordagem de investigação na área da Educação busca romper com os modelos empírico-analíticos predominantes de pesquisa. Este padrão tradicional de análise tem como uma de suas características bem evidentes a consolidação de espaços e funções bastante distintos entre a academia e a escola.

Ao enfatizarmos, nesse texto, a concepção de pesquisa-ação na área da Educação, nos aproximamos do pensamento de Ibiapina (2008), que a concebe como uma modalidade de investigação que ao privilegiar o caráter emancipatório coloca o docente no centro da investigação. Essa prática, por conseguinte, faz com que os professores se percebam como sujeitos possuidores e produtores de conhecimentos e atores, capazes de refletirem e intervirem em suas próprias ações educativas.

Especificamente, com relação à investigação colaborativa na área de Educação, esse método considera os professores ou partícipes como produtores de saberes, tomando tais sujeitos como primordiais para a construção dos conhecimentos. Ao haver a interação entre docentes e pesquisadores produzem-se novas teorias e idéias sistemáticas acerca de suas práticas profissionais. Esse tipo de pesquisa solicita dos partícipes que se engajem no processo de reflexão sobre determinado aspecto de sua prática. No caso desse trabalho, para que assim, entendam as teorias e os hábitos não conscientes expressados no cotidiano de sua atividade como professores de história, mas que estão ligados a um contexto social e histórico do qual eles mesmos fazem parte. Dessa maneira, percebemos que o processo colaborativo envolve uma relação dialética dos acontecimentos individuais com aqueles de caráter macrossocial. Segundo Ibiapina (2009, p. 22) a pesquisa colaborativa contribui (...) *assim, para concretização dos ideais de formação e desenvolvimento profissional e de produção de teorias mais próximas dos anseios sociais de mudança da sala de aula, da escola e da sociedade.*

Além disso, a pesquisa colaborativa tem como um de seus intuitos construir nas escolas uma cultura de análise sistemática, possibilitando que os docentes, auxiliados por pares mais experientes ou por professores da universidade, se tornem capazes de ressignificar as sua prática em sala de aula. Então nesse sentido, observamos que esse tipo de investigação proporciona a interação entre todas as partes envolvidas na pesquisa. Professores-colaboradores e professor-pesquisador compartilham, por meio do diálogo, seus anseios, suas expectativas, suas dúvidas no objetivo de colaborar na construção de ideias e teorias que sirvam para embasar suas práxis de modo mais significado e próximo das múltiplas realidades que se insere o processo de ensino-aprendizagem.

Outro ponto importante que a investigação colaborativa trouxe é que por meio dela encontramos a possibilidade de diminuir os muros que separam o espaço acadêmico, do espaço das instituições escolares. Essas divisões construíram ideais distorcidas de que a função de produção de conhecimento era própria e até natural dos acadêmicos, enquanto a dos professores estava resumida em aplicar os resultados das pesquisas em sala de aula, por meio de técnicas pré- estabelecidas. Segundo Kemmis (1998, p. 213),

(...) professores e acadêmicos trabalharam juntos como parceiros. Não há igualdade absoluta, uma vez que ambos trazem diferentes conhecimentos para a colaboração, mas há paridade no relacionamento e cada um reconhece e respeita a contribuição do outro. Em ambos os casos, professores e acadêmicos possibilitaram condições para o processo de reforma escolar.

No entanto, de acordo com o próprio Kemmis (1998) não é qualquer tipo de pesquisa colaborativa que é capaz de proporcionar ao professor essa capacidade de se perceber como autor de sua própria prática e produtor de conhecimento, por meio da pesquisa no seu cotidiano escolar com a finalidade de ressignificar seus objetivos de ensino-aprendizagem na área em que exerce a docência. Para isso acontecer, o processo de construção da pesquisa tem de se comprometer com relações de poder menos opressivas e mais democráticas. Na prática mesmo, a afirmação anterior se materializa, quando as decisões entre os diversos sujeitos da pesquisa, são negociadas e tomadas coletivamente, fazendo assim com que as relações de poder fiquem diluídas ao máximo possível pelas negociações.

Na expectativa de proporcionarmos, por meio da pesquisa esse diálogo, que contribua para formação docente e para construção de conhecimento conjuntamente com os professores-colaboradores, que nos apropriamos, nesse trabalho das concepções, que fundamentam a pesquisa colaborativa crítica. Esta possibilita por meio de ações conjuntas e sistemáticas entre os sujeitos participantes da investigação a reflexão constante dos docentes na e sobre a prática e sobre a reflexão da prática. Ferreira e Ibiapiana (2005, p. 32) ao discutirem a característica crítica da pesquisa colaborativa assim a definem:

Trata-se, pois, de um processo sistemático de aprendizagem que utiliza a crítica orientada para a ação, de forma que esta se converta em práxis, na qual teoria e prática ampliam-se, complementam-se e transformam-se. A reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo de sua experiência, supõe análise e uma proposta totalizadora que orienta a ação para mudança. Não é conhecimento puro, nem individual, é a ação cultural que implica em mudança.

Com relação ao processo de colaboração, durante a investigação colaborativa não existe a pretensão de que os professores-colaboradores se tornem também pesquisadores, ou seja, que se engajem desde a construção dos referenciais teóricos para construção do objeto de pesquisa até construção dos trabalhos finais. No decorrer da realização dos trabalhos de investigação somos cientes que a colaboração dos

pesquisadores está volta mais para o papel de mediação por entender que devido a sua experiência, estes podem contribuir para construção de espaços e estratégias de reflexão sistemáticas sobre a prática docente. Sendo assim, esses espaços de reflexão planejados, possibilitam aos colaboradores estabelecerem análises da prática, relacionando-as a teorias e ao, mesmo tempo, produzindo conhecimentos que se aproximam mais da realidade do cotidiano e da cultura escolar em que estão inseridos. Nesse sentido nos escreve Ibiapina (2009, p. 213),

A habilidade do pesquisador consiste em propor aos professores atividades reflexivas que permitam, de um lado, satisfazer as necessidades de desenvolvimento profissional e, de outro lado, atender às necessidades de avanço do conhecimento no domínio da pesquisa no qual ele se inscreve.

Já a colaboração dos professores-partícipes se materializa, quando estes se engajam nos processos de reflexão sistemática e pensando sobre sua ação educativa passam a compreender os motivos de agirem de uma determinada maneira e não de outra e os interesses por trás de suas rotinas em sala de aula, que não envolvem apenas uma esfera de relação microssocial, mas que se desloca em um movimento entre as esferas micro e macrossocial de interesses. A partir do momento em que o professores-colaboradores percebem as contribuições desses espaços conjuntos e coletivos de reflexão, colaboração, estudo e reflexão, em que lhe é dada a possibilidade de por meio de ações dialógicas concordar e até discordar das opiniões e práticas vigentes, abre-se para ele novos caminhos na sua profissão. Sua vida profissional começará a ser marcada por rupturas com atitudes e hábitos, que, tantas vezes, inconscientemente, eram praticados por esses docentes mesmos e que tiravam destes a autonomia e a capacidade de se perceberem como atores e artesão que vão tecendo os caminhos complexos na construção de ações que poderiam mudar sua própria realidade educacional. Ao escreverem sobre como se dá a colaboração Ferreira e Ibiapina (2005, p. 33) enfatizam:

(...) colaboração em qualquer contexto, seja de pesquisa, formação contínua, ou na sala de aula, significa agir no sentido de possibilitar aos participantes tornarem seus processos mentais mais claros, explicitando-os ao grupo e, dessa maneira, criando possibilidades de questionamentos, expansão e recolocação do que foi posto em negociação. Esse processo implica em conflitos propiciadores de oportunidades de compreensão crítica por parte dos envolvidos sobre o que está sendo discutido.

Na pesquisa colaborativa a reflexão sistemática na e sobre a prática docente assume papel central, todavia este processo reflexivo não é concebido apenas de modo individual e particular. Os professores-colaboradores em espaços organizados e planejados são estimulados por meio do diálogo com outros pares a expressarem seus saberes, fazendo sobre eles exercícios constantes de descrição, interpretação, análise, confronto e reconstrução, que levam os professores a se perceberem como gerenciadores de suas atitudes profissionais. Sobre esse aspecto Alarcão (2011, p. 48-49) afirma: *Se a capacidade reflexiva é inata no ser humano, ela necessita de contextos que favoreçam o seu desenvolvimento, contextos de liberdade e responsabilidade.*

A investigação colaborativa tem em sua natureza a preocupação de interligar a formação contínua dos docentes com a produção de conhecimentos científicos que aproximem a cada momento os saberes teóricos e aquelas da prática. Compartilhando das ideias de Pimenta (2009, p. 29) deduzimos que é (...) *num processo de troca de experiências e práticas que os professores vão constituindo seus saberes como praxicum, ou seja, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática.*

O ENSINO DE HISTÓRIA COMO OBJETO DE PESQUISA NO BRASIL

A partir da década de 1970, veremos no Brasil o desenvolvimento de estudos que enfatizam temáticas relacionadas ao campo do ensino de História. Mesmo estando no período da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985), momento em que houve alguns retrocessos na organização curricular da escola básica no território nacional, os pesquisadores, principalmente, os ligados à área de História sentiram necessidade de se utilizar da divulgação de trabalhos acadêmicos sobre o ensino para criticar mudanças impostas por este regime autoritário aos currículos das disciplinas, especialmente as da área das Humanidades.

Entre as mudanças no campo educacional motivadas pelo Regime Militar no Brasil, uma afetou de modo significativo a história escolar. Houve a mudança, a partir da Lei 5. 692 de agosto de 1971, das disciplinas de História e Geografia, no Primeiro Grau, pela de Estudos Sociais. Essa modificação, fez com (...) *que os conteúdos históricos, geográficos, sociológicos, etc. se diluíam [diluíssem], assim como as categorias e conceitos básicos provenientes das ciências de referência.* (BITTENCOURT, 2004, p. 76). Além disso, a instalação dessa nova disciplina veio acompanhada, posteriormente, da

implantação das licenciaturas curtas em Estudos Sociais. Essa atitude foi vista por algumas associações de professores, como uma estratégia que levaria a uma perda de espaço dos profissionais, que atuavam no campo da história e da geografia escolar.

Nesse momento, a Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) começou a expressar sua preocupação com o ensino e motivou pesquisas que tivessem como objeto de pesquisa o Ensino de História. Essa temática foi enfatizada em simpósios da associação e, a partir de 1980, nas publicações da *Revista Brasileira de História (RBH)*. Para se ter uma noção quantitativa da aparição de temas relacionando ao ensino de História, nessa revista, que, atualmente, é considerada no Brasil o mais importante periódico na área de História, colocamos os seguintes resultados: *Dos 43 números publicados, em 20 números há artigos sobre ensino de história, sendo que três têm como dossiês esse tema.* (OLIVEIRA, 2009, p. 49).

Além das publicações na *Revista Brasileira de História (RBH)*, que evidenciam o crescimento das produções sobre o tema ensino de história no Brasil desde 1980, outras consultas feitas por Garcia (2008, p. 34) aos grupos cadastrados no CNPq mostram que em 2007 ao analisar os grupos de pesquisa, levando em consideração suas linhas temáticas de investigação, foram evidenciadas (...) *a existência de 40 deles que atuam no Ensino de História (...). Foram Localizados também 7 grupos de Didática da História e 5 em Educação Histórica.* Os eixos temáticos das pesquisas se concentram de modo mais intenso nas discussões sobre a história do ensino de história, análises dos livros didáticos e mais recentemente sobre as práticas de ensino em história. No desenvolvimento das duas linhas temáticas vemos a predominância dos métodos de investigação próprios da ciência da história, enquanto no último prevalece os métodos próprios do campo educacional.

Para mostrarmos pesquisas que se tornaram referências, principalmente, nessas três temáticas citadas acima, enfatizamos alguns pontos das obras *Pátria, Civilização e Trabalho*, de Circe Maria Bittencourt; *Construtores de Identidades: A pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*, de Arlette Medeiros Gasparello; e *Professores de história: entre saberes e práticas* de Ana Maria Monteiro.

O livro de Circe Bittencourt, *Pátria, Civilização e Trabalho*, publicado em 1990, foi resultado de uma pesquisa desenvolvida pela autora entre 1985 e 1988, que resultou na dissertação de mestrado e que deu a origem a este livro. Após a publicação, o

trabalho, segundo Gatti Junior (2009), foi considerado um texto pioneiro no âmbito da História das disciplinas Escolares e da História do Ensino de História. A discussão desse trabalho gira em torno do ensino de História no Estado de São Paulo no Período Republicano, tendo como ponto inicial da investigação à recuperação da *pedagogia do cidadão*, fundamental para o entendimento da organização teórica do ensino de História naquele período. Para construção das interpretações a autora se utilizou de uma pesquisa a fontes históricas diversificadas, como livros de atas escolares, anais e anuários de organizações religiosas e civis que tinham vínculos com a educação daquele momento, programas de ensino e notícias de jornais.

Já a obra *Construtores de Identidades: A pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*, de Arlette Medeiros Gasparello, publicada em 2004, foi fruto de sua pesquisa de doutorado. Nela percebemos que a autora fundamentou o desenvolvimento de suas ideias em uma abordagem socio-cultural da construção do discurso nacional na historiografia didática. A pesquisa teve como fonte central o livro didático, percebido como objeto material e cultural que serve como um espaço de relações. O livro se divide em quatro capítulos que possuem respectivamente os seguintes títulos: *A Instrução Secundária: um modelo nacional*, *A História Patriótica*, *A Legitimação do Modelo Nacional (1861-1900)*, *A Nação nos compêndios Republicanos*.

A professora Ana Maria Monteiro no livro *Professores de história: entre saberes e práticas*, publicado em 2007. Também um trabalho que resultou de suas investigações no curso de doutorado, propõe como objetivo principal analisar os saberes que os professores de História mobilizam para ensinar os saberes que ensinam. Para concretizar esse anseio escolhe os docentes bem sucedidos do Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro para serem sujeitos de sua pesquisa. O tipo de pesquisa empregado nesse percurso de investigação foi fundamentada na perspectiva interacionista subjetivista, voltada para a educação. A autora acompanhou aulas e também construiu fontes orais, por meio das entrevistas com os docentes. Na leitura do livro, observamos que a autora priorizou principalmente os saberes ensinados, seguindo assim o conceito de conteúdos pedagogizados, teorizado pelo pesquisador Lee Shulman.

Ao mostrarmos esses resultados de pesquisa na área de ensino de história, tentamos explicar que esse campo de investigação assume enfoques múltiplos, que são acompanhados de métodos e procedimentos que envolvem tanto a área específica da história, quanto à da educação. Além desse ponto, o nosso olhar se volta para

verificarmos também que as pesquisas não são estáticas e suas temáticas, categorias de análises e em suas abordagens teórico-metodológicas vão se transformando de acordo com os interesses suscitados em cada contexto social. Como discute Ernesta Zamboni (2002, p. 106) ao falar sobre a própria história das pesquisas em ensino de história a partir da década de 1970:

Os trabalhos e pesquisas sobre o ensino de história desse período têm um caráter de relato de experiência com pouca ou nenhuma reflexão teórica. Nos anos 80 (...) A produção da pesquisa incide sobre o livro didático e começam os primeiros trabalhos sobre currículo, e alguns muito timidamente refletem sobre uma análise teórica. (...) A década de 90 foi marcada pela busca de novos enfoques e paradigmas para compreensão da prática docente e dos saberes dos professores, embora tais temáticas ainda sejam pouco valorizadas nas investigações e programas de formação de professores.

Atualmente, as tendências mais recentes – na área de ensino de história, que fundamentam suas pesquisas – em grande parte nas concepções teóricas de Jörn Rusen e que se autointitulam pesquisas em Educação Histórica², apontam para uma preocupação em investigações que tenham como objeto central a compreensão da formação da consciência histórica tanto em professores, quanto em alunos na disciplina de história. Com o intuito de perceberem na dinamicidade do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, na relação entre aluno-aluno, professor-aluno e professor-professor os elementos constitutivos da consciência histórica, essa tendência, como afirma Garcia (2008, p. 43) estimula (...) *a realização de experiências diferenciadas de investigação, com destaque às formas denominadas (...) de pesquisas colaborativas, nas quais professores (...) trabalham cooperativamente com grupos de pesquisadores da universidade, com vistas à produção de conhecimentos sobre o ensino da história.*

A COLABORAÇÃO NA PESQUISA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

Nos dias atuais as pesquisas tanto na área de Educação, quando, especificamente, na de ensino são envolvidas pelo compromisso em suas investigações de associarem a produção de conhecimentos e a formação contínua de professores. Essa realidade de conciliação dessas duas esferas se justifica pelo entendimento de que transformações profundas só podem acontecer no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula se for possibilitado aos envolvidos nesse contexto educacional – os

docentes-, a percepção de que eles são profissionais que estão constantemente cientes do inacabamento de seus saberes e práticas. Esta Percepção faz com que os professores busquem, por meio de ações formativas, a construção de novos conhecimentos, baseados em posturas emancipatórias, que questionem atuações, ideais e posições, que, até então, os encarceravam em práticas reprodutivistas e mecânicas, as quais foram adquiridas sem nenhum questionamento sobre os interesses ocultos por trás delas. Entendemos, então, que a pesquisa colaborativa tem esta dupla característica de pesquisar e formar, criando (...) *contextos para a colaboração com os participantes, negociação e compartilhamento de significados, envolve todos em possibilidades de questionamento ao relacionar práticas a teorias e interesses a que servem, propiciando transformações.* (MAGALHÃES, 2009, p. 237).

Nesse sentido, a pesquisa colaborativa propiciaria no transcorrer das investigações, compreender as práticas e os saberes envolvidos na construção do conhecimento histórico escolar por parte dos professores. Além disso, faz com que os próprios docentes de história envolvidos na colaboração compreendam não só os aspectos externos de sua prática e de seus saberes, mas também os internos. As características externas são as que se relacionam a identificação das metodologias de aula e os conteúdos desenvolvidos, mas também, aos próprios aspectos que consideramos internos, os quais se relacionam a percepção de que os conhecimentos e as ações desencadeadas no exercício da docência em história serve a manutenção de interesses e poderes presentes nas relações complexas da sociedade. Tudo isso contribui para a formação de uma identidade profissional do professor de história, pois esta se constrói a partir das reinvenções, fundamentadas na relação entre teoria e prática, que se dá em decorrência das necessidades educacionais e da sociedade, as quais vão emergindo nos diferentes contextos sociais. Para fundamentar essa afirmação acima nos apoiamos nas definições de Pimenta (2009, p. 19):

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. (...) Do confronto entre teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor.

Só a partir desse exercício de reflexão interna e externa, propiciados nos espaços sistematizados pela pesquisa colaborativa é que os professores de história se sentirão com autonomia para construir assim os mecanismos de questionamento e de transformação na sua ação cotidiana na educação escolar. Visto que, diversas pesquisas sobre o ensino de história no Brasil ao enfatizarem as práticas dos professores na disciplina de história escolar, em sua maioria, apenas apontam a pouca autonomia dos professores com relação aos conteúdos ditos tradicionais e aos manuais didáticos. Todavia, a preocupação em entender junto com os professores como foram formadas tais características de sua ação docente e, além do mais, de mediar propostas junto aos docentes de modificação de tal realidade na prática da história ensinada nas escolas se mostram incipientes.

No campo do ensino de história, essa realidade de separação, entre o campo da produção de conhecimentos e a realidade da sala de aula se agravou, pois unido aos Modelos Tecnicistas que prevaleceram, veementemente, no período da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985), havia uma cultura construída, no âmbito dos conhecimentos históricos escolares, desde o século XIX, de que os paradigmas dessa disciplina eram construídos por historiadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que a impunham aos programas de ensino do Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Esses modelos curriculares tornavam referências para as outras instituições de ensino espalhada nas províncias do país. Então, podemos perceber aí nítida *influência (...) da concepção que atribui exclusivamente à participação da ciência de referência no conhecimento histórico escolar.* (ABUD, 2007, p. 108) Além do mais, isso revela uma separação clara entre aqueles que produzem o conhecimento – os intelectuais, estabelecidos fora do espaço escolar – e aqueles responsáveis apenas por reproduzi-los – os professores, presentes nos ambientes de ensino.

Sabemos que esta representação da realidade em que os saberes produzidos na academia e os do espaço escolar são vistos em patamares distintos foi uma construção que foi aprofundada, na área de História, no Brasil e que para iniciar transformações nela, a colaboração precisa se efetivar usando procedimentos, que exercitem a reflexão crítica, sistemática e coletiva. Entre os recursos metodológicos, que podem ser usados nos processos colaborativos de investigação, destacamos as sessões reflexivas, as entrevistas individuais ou coletivas, a vídeo-formação, a observação

colaborativa e as narrativas autobiográficas (IBIAPINA, 2008). Por meio desses procedimentos, os pesquisadores assumem, segundo Alarcão (2011), o compromisso de desenvolver estratégias que possibilitem aos professores expressarem, por meio da escrita ou do diálogo, suas impressões sobre a realidade educacional que os cerca, fazendo assim que haja na colaboração:

As perguntas de descrição [que] situam-se ao nível do que os professores fazem ou sentem. As de interpretação vão mais longe e focalizam-se no significado das ações ou dos sentimentos. As perguntas de confronto trazem a novidade, e por vezes o incômodo, de outros olhares e podem vir a constituir-se como um rasgar de horizontes e início da mudança, da reconstrução e da inovação. (ALARCÃO, 2011, p. 62.)

Trabalhar os saberes e práticas docentes dos professores de História em uma perspectiva colaborativa nos faz pressupor que no momento em que os profissionais de história, que exercem a docência, estudam sobre seus próprios saberes e ações e têm, dessa maneira, conhecimentos destes, eles passam a serem mais motivados a produzirem novos conhecimentos, habilidades e competências, que se adéquam melhor à multiplicidade de situações, à pluralidade da clientela estudantil e as especificidades da realidade econômica, cultural e social vivida dentro de um contexto distinto daquelas que constroem as teorias de ensino, os manuais didáticos e as diretrizes curriculares. Isso propicia um passo necessário para superação, ainda presente entre os docentes de História, de reprodução acriticamente e sem reflexão na e sobre ação de modelos tradicionais de ensino.

CONSIDERAÇÕES

Durante a construção desse artigo buscamos explicitar que a pesquisa colaborativa se mostra como um caminho construtivo para conciliar a produção de conhecimentos sistematizados e a formação contínua de professores. Além disso, o exercício constante da colaboração propicia aos envolvidos na investigação a aprendizagem de estarem fazendo uma reflexão coletiva sobre a prática de ensino. Isso leva os docentes a perceberem a escola como um espaço de conhecimentos múltiplos, os quais se manifestam, por meio do compartilhamento de saberes entre os professores. Saberes esses que provêm da vida anterior ao exercício da docência, das situações de

ensino-aprendizagem vivenciadas como professor em sala de aula, das leituras apropriadas e do convívio contínuo com os colegas de profissão.

Também, enfatizamos aqui que desde a década de 1970, no Brasil, as pesquisas que tivessem como objeto de investigação o Ensino de História foram incentivadas por Instituições, como a ANPUH. Essa iniciativa foi uma das maneiras de criticar e mostrar a insatisfação dos profissionais de história às transformações curriculares estabelecidas pelo Regime Civil-Militar (1964-1985) em áreas das disciplinas das humanidades, principalmente, a geografia e a história escolar. Essas pesquisas ligadas ao ensino de história, desde a década de 1970 até 1990 se mostram diversificadas em suas temáticas, categorias de análises e em suas abordagens teórico-metodológicas. No entanto, percebemos que, a maioria dos estudos ao analisarem as práticas dos docentes de história centra suas conclusões em evidenciar a pouca autonomia desses professores nas suas ações cotidianas no espaço escolar, demonstrando pouco interesse em buscar compreender junto com os docentes os complexos motivos que levaram a naturalização desses fazeres no dia-a-dia em sala de aula.

Com relação às pesquisas sobre o ensino de história, a abordagem colaborativa de investigação ao criar procedimentos e estratégias que possibilitam uma relação dialógica com os professores-partícipes faz com que vozes de docentes de história, que muitas vezes foram silenciadas, assumam posição central para elaboração de teorias mais próxima das práticas escolares. E ligado a isso colabora para que o docente se veja com o poder de reconstruir sua ação cotidiana em sala de aula, dando novos significados ao conhecimento histórico escolar.

NOTAS

¹ Entendemos método como uma atividade reorganizadora e necessária para dinamicidade da teoria, porém, muitas pesquisas, por uma carga de herança cultural, advinda do positivismo, trabalham com uma visão de método e teoria, por meio da qual os pesquisadores apreendem os objetos não como elementos de uma totalidade, mas de forma isolada, não enquanto realidade dotada de dinamismo, mas como coisas acabadas. (FERREIRA; IBIAPINA, 2005, p. 28)

² Para saber mais sobre Educação Histórica recomendamos a leitura de: BARCA, Isabel. (Org.). **Para uma educação histórica de qualidade**. Braga: Uminho, 2004.; e 3º e 4º capítulo do livro de: OLIVEIRA, Margarida; CAIMELLI, Marlene; OLIVEIRA, Almir (Org). **Ensino de história: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: Edufrn, 2008.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria. A história nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BITTENCOURT, Circe. **Pátria, civilização e trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)**. São Paulo: Ed. Loyola, 1990.
- _____. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa: Porto Editora, 1994.
- FERREIRA DE OLIVEIRA, Sandra Regina. O ensino de história e o cotidiano escolar: possibilidades investigativas. In: ANDRADE, João M. Valença; STAMATTO, Maria Inês S. **História ensinada e a escrita da história**. Natal: Edufrn, 2009.
- FERREIRA, Maria Salonilde. Pesquisa colaborativa e suas interconexões com a formação docente. In: BALDI, Elena Mabel; FERREIRA, Maria Salonilde; PAIVA, Marlúcia. **Epistemologia das ciências da educação**. Natal: Edufrn, 2009.
- FERREIRA, Maria Salonilde.; IBIAPINA, Ivana Maria. A pesquisa colaborativa na perspectiva sócio-histórica. **Revista linguagens, educação e sociedade**, Teresina, PI, n.12, p. 26-38, jan./jun. 2005.
- GARCIA, Tânia Maria. Questões para a pesquisa em educação histórica. In: OLIVEIRA, Margarida; CAIMELLI, Marlene; OLIVEIRA, Almir (Org). **Ensino de história: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: Edufrn, 2008.
- GASPARELLO, Arlette. **Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira**. São Paulo: Ed. Iglu, 2004.
- GATTI JÚNIOR, Décio. História do ensino de história no Brasil: categorias, fontes de pesquisa e historiografia recente (1990-2008). In: ANDRADE, João M. Valença; STAMATTO, Maria Inês S. **História ensinada e a escrita da história**. Natal: Edufrn, 2009.
- IBIAPINA, Ivana Maria. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Ed. Liber Livro, 2008.
- _____. Pesquisar e formar colaborativamente: desafios e perspectivas. In: BALDI, Elena Mabel; FERREIRA, Maria Salonilde; PAIVA, Marlúcia. **Epistemologia das ciências da educação**. Edufrn, 2009.

IBIAPINA, Ivana; RIBEIRO, Márcia; FERREIRA, Maria S. **Pesquisa em Educação: múltiplos olhares**. Brasília: Ed. Liber Livro, 2007.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAGALHÃES, Maria Cecília. Pesquisa crítica de colaboração em projetos de formação contínua em contextos escolares: colaboração na pesquisa e na ação. In: BALDI, Elena Mabel; FERREIRA, Maria Salonilde; PAIVA, Marlúcia. **Epistemologia das ciências da educação**. Edufrn, 2009.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2007.

OLIVEIRA, Margarida Dias. Anotações acerca da constituição do ensino de história como objeto de pesquisa no Brasil. In: ANDRADE, João M. Valença; STAMATTO, Maria Inês S. **História ensinada e a escrita da história**. Natal: Edufrn, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In:____. **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo: Ed. Cortez, 2009. p. 15-32.

_____. Pesquisa-ação Crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, p. 521-539, set./dez. 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

ZAMBONI, Ernesta. Panorama das pesquisas no ensino de história. **Saeculum**, João Pessoa, n. 6/7. Jan./dez. 2002.

ZEICHNER, Kenneth. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, Corinta M.; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete M. (Orgs.). **Cartografia do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 207-236.